

lapauz
Publicação dos
Associados do IPB

Laps interlúdio



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



PUBLICAÇÃO DOS ASSOCIADOS DO IPB

ISSN 2675-4444

“Lapsus interlúdio” – outubro 2023.

Publicação do Instituto de

Psicanálise da Bahia

Av. Anita Garibaldi, 1211. Ed. Central Pinheiro. Ondina.

CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus/>

EDITOR

Wilker França (Associado do IPB)

CONSULTOR

Rogério de Andrade Barros

CONSELHO EDITORIAL

Bernardino Horne

Carla Fernandes

Jordan Gurgel

Luiz Felipe Monteiro

Ethel Poll

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Camila Abreu

Luiza Sarno

Guacira Cavalcante

Jaine Porto Ferreira Novais

Wilker França

Craziela Pires

Júlia Jones

REVISÃO

Pablo Sauce

Camila Abreu

Guacira Cavalcante

Jaine Porto Ferreira Novais

Wilker França

Craziela Pires

Júlia Jones

CAPA E EDITORAÇÃO

Bruno Senna

IMAGENS

<https://www.ettyimages.com.br/fotos/vulcão>

<https://www.pexels.com>

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2022-2024

Analícea Calmon (Diretora Geral)

Sônia Vicente (Diretora de Ensino)

Maria Luiza Sarno (Diretora de Planejamento e
Finanças)

CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB

BIÊNIO 2022-2024

Jordan Gurgel (Presidente)

Aléssia Fontenelle (Secretário)

Bernardino Horne (Consultor)

Célia Salles

Lucy de Castro

Nora Gonçalves

DIRETORIA DA EBP-BAHIA

BIÊNIO 2022-2024

Luiz Felipe Monteiro (Diretor Geral)

Rogério Barros (Diretor de Biblioteca)

Carla Fernandes (Diretora de Cartéis e Intercâmbios)

Maria Luiza Sarno (Diretor Secretário Tesoureiro)

O conteúdo dos artigos é de exclusiva
responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

EDITORIAL

- 5** **Editorial**
WILKER FRANÇA

ENTREVISTA

- 8** ***Lapsus* Entrevista 2023**

ECOS DA ENTREVISTA

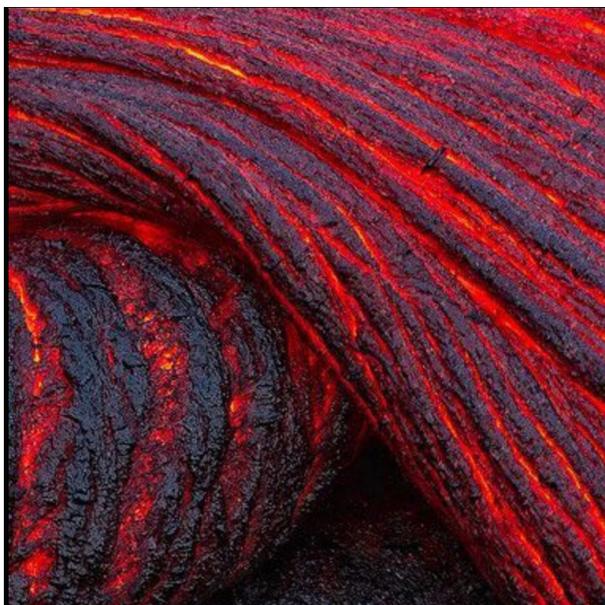
- 14** **A exposição da escrita não é sem coragem e amor**
CAMILA ABREU COSTA
- 16** **Do amor e do saber: amar o saber**
JAINÉ PORTO
- 18** **Fazer-se presente através da escrita**
JÚLIA JONES
- 19** **A escrita, o que em cada um faz elo, entre Escola e Instituto**
GRAZIELA PIRES

EDITORIAL

EDITORIAL

Wilker França
Associado IPB

“Quando [...] o esp(aço) de um laps(o) já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente.” Lacan nos orienta, a partir dessa citação, que o inconsciente real se apresenta nesse espaço de um lapso, um espaço tênue que não admite transferência, sentido, amizade, parceria, nenhum laço possível. Nessa dimensão do inconsciente não há incidência do Outro para significar o lapso. No Seminário 24, *L'insu que sait de l'unique-bévue s'aile a mourre*, Lacan nos diz que o “Um dialoga sozinho” para se referir à fala nesse espaço de ausência do Outro e prevalência do gozo. Contudo, faz-se importante destacar que uma análise prescinde do Outro, mas não da presença do analista. Diante da inexistência do Outro, a presença do analista não se apaga; muito pelo contrário, é uma presença que faz furo e encarna o não simbolizado do gozo.



Nessa direção, em um esforço de poesia, poderíamos dizer que o Bernardino, em sua presença viva, nos concede uma entrevista que faz furo à rotina habitual da equipe *Lapsus*. Tomados pelo impacto de suas palavras agalmáticas, toda a equipe se viu imbuída em escrever sobre o que ressoou em cada um, e assim surge esta *Lapsus* que se intromete na periodicidade da revista para fazer repercutir essa entrevista-acontecimento.

Lacan nos diz que é a partir do acontecimento Freud, sua descoberta do inconsciente como fazendo furo ao discurso universal, que ele formula sua resposta sintomática que é o Real. Miller, em *Perspectivas do Seminário 23*, prefere usar a expressão “traumatismo Freud” e diz que sua pretensão é de fazer repercutir esse traumatismo. Dessa forma, somos testemunhas da obstinação de Bernardino em também fazer repercutir esse traumatismo e, assim, manter viva a psicanálise de orientação lacaniana no mundo. Poderíamos dizer, então, que a revista *Lapsus* é uma criação viva para seguirmos repercutindo esse traumatismo.

Extra! Extra! A *Lapsus* está no ar. E convidamos cada um a se deixar afetar pelo dizer de Bernardino Horne em sua entrevista e pelos ecos das associadas do IPB: Camila Abreu, Jaine Porto, Julia Jones e Graziela Pires.

ENTREVISTA

LAPSUS ENTREVISTA 2023

Olá, Bernardino! Primeiramente, gostaria de agradecer a disponibilidade em participar desta entrevista para a *Lapsus* – esta revista do Instituto de Psicanálise da Bahia que há pouco mais de doze anos estava sendo pensada e idealizada por você. É uma honra tê-lo nesta edição da *Lapsus*.



1) Gostaria de saber um pouco mais sobre esse início da *Lapsus*, o que você pretendia quando a lançou. Ao mesmo tempo, gostaria que você falasse um pouco sobre o lugar da escrita para você e como poderíamos pensar o lugar do ato de escrever e publicar na formação do analista.

2) A *Lapsus* é uma revista do Instituto de Psicanálise da Bahia, por sua vez ligado à Escola Brasileira de Psicanálise. Instituto e Escola se distinguem, mas funcionam como agulhão um do outro em muitas ocasiões. Minha questão é sobre a transferência. Como você pensa a articulação da transferência entre Instituto e Escola?

3) O tema da Jornada do IPB deste ano, que ocorrerá juntamente com a Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise, seção Bahia, será “Desejo, mostra a tua cara”. Sei que há um bom tempo você vem estudando o ultimíssimo Lacan. Como seria pensar o desejo a partir do último ensino de Lacan?

Para mim, é um prazer responder às suas questões. *Lapsus* é uma velha amiga.

Como sua questão orienta querendo minha perspectiva como fundador de *Lapsus*, vou responder desde mim, sem tentar uma história objetiva dos fatos.

A fundação da Escola teve dois momentos em dois anos: o primeiro ano foi o da fundação da Escola Múltipla. Miller foi, Seção por Seção, fundando as seções da Escola.

A fundação do IPB aconteceu no mesmo tempo da fundação da seção Bahia. Nesse momento, eu era o presidente da Escola Múltipla. Miller, em nome do Instituto de Paris – ao qual ficamos ligados e comprometidos na qualidade de nosso trabalho –, escreveu o Estatuto e fundou o IPB.

O IPB seria um lugar de estudo onde os associados formariam parte ativa das bases para sua formação. Um ponto de partida, porque a formação do analista se efetua na Escola. Uma das perguntas que trabalha a Escola, tomando em consideração os depoimentos dos Analistas da Escola (AE), é o que é um analista, já que, como na mulher, não há um significante que o defina.

Na primeira época, a meta foi a criação de um espírito de Escola Uma; o problema era conseguir que os líderes dos grupos permitissem a passagem, do funcionamento em grupos, ao funcionamento de um por um, formando um conjunto Escola.

A Escola é um conceito longamente trabalhado por Lacan; é a rigor, para nós, um objeto constituído como uma rede de saber e isso causa nosso desejo. Lacan trabalha, na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, como o saber como agalma é algo que Sócrates tem. A Escola é como Sócrates: contém um objeto, o saber, que é causa do desejo de Escola. Há que sustentar vivo o agalma.

A participação ativa no processo de fundação da Escola brasileira, que me levou a ser o seu primeiro presidente, e a participação pelo Brasil de vários lugares de trabalho, principalmente no campo da Escola Uma, me deixavam um pouco longe das atividades internas da Seção. Em determinado momento, quando a segunda geração tomou conta da Escola, decidi investir mais na Bahia, também com a ideia de ser grato pela sua generosidade comigo. A atividade fundamental foi a de montar o Instituto, nosso IPB-BA, na dimensão e compromisso com a

Orientação Lacaniana do Campo Freudiano, tarefa que se realizou com a participação entusiasmada de todos os membros da Escola.

Dessa forma, como sempre defendi a ideia de que os ME tinham que ter espaços próprios, também impulsei atividades nas quais os associados do Instituto foram os atores e responsáveis de suas atividades, assim como ter espaços entre eles para debater e estudar, sendo o cartel o lugar privilegiado. No curso de pós-graduação, introduzimos o trabalho em cartel como forma de estimular o trabalho escrito. Era difícil entender que cada um tinha que fazer sua produção escrita individual e que apenas a elaboração era grupal. Era necessário um *paper* por cada aula.

Aqui entra a *Lapsus*. Vimos então que uma dificuldade dos associados era a de escrever e que nos cursos, nos períodos que era necessário apresentar textos, sempre apareciam crises.

Lapsus seria a revista deles, para escrever.

Nasceu com algumas premissas: não é um boletim informativo, ainda que possa veicular alguma informação. Não é para convidar estrelas a fazer textos, ainda que às vezes possa ser conveniente. É fundamentalmente para que os associados escrevam textos sobre o que estão estudando e pensando, principalmente apontando à psicanálise pura e às entrevistas, que implicam um entrevistador associado. *Lapsus* foi fundada para que os associados aprendam a escrever, dirigir publicações, organizar debates, no contexto do discurso analítico. Assim, diretor e comissão de redação eram formados por associados. Eu apenas assumi a função de assessor, o que também era uma exigência do Instituto de Paris, na medida em que assim era o último responsável do produto do IPB. O nome *Lapsus* foi escolhido entre todos: cada um deu um nome e fomos peneirando até chegarmos a *Lapsus*. Acredito que tenha sido Rogério, bem jovem na época, que tenha sugerido esse nome.

O que distingue nossa Escola e a AMP de outros grupos é a orientação clínica ao real e ao passe.

Entre os seminários 1 a 6 transcorre o tempo do simbólico e do imaginário.

No Seminário 7, a orientação lacaniana girará em direção ao real. Nesse Seminário, Lacan, pela primeira vez, abre explicitamente um pro-

jeto novo, ao qual aspira – e o diz com todas as palavras – iniciar um projeto sistemático de pesquisa sobre o real. Ele deixa de lado o que é comum às éticas – refletir sobre o ideal, o bem e as formas para alcançá-los – e decide tomar o caminho contrário, ir ao inverso, no sentido “de um aprofundamento na noção de real”. Este projeto tem seu ponto alto no Seminário 19, quando profere Há Um, e se estenderá até o Seminário 23, quando estabelece o sinthoma como a via clínica privilegiada e afirma: “O real é sem lei”. A direção da cura não mais se orienta no sentido, mas no sem-sentido.

Na época, o real aparece por meio da associação que se estabelece entre o real, o impossível e a morte. Ao pensar sobre o real, dele nos afastamos porque ele é irrepresentável, não se diz, não se escreve, não se imagina. O real há. Não conhece o sujeito ou o ser; apenas existe como exterior ao saber. Não obedece a nenhum sistema, nem tem ordem. O real é sem lei.

“Não há relação sexual” é uma modalidade de Lacan dizer da separação radical do real com o simbólico e o imaginário.

O gozo é o real da experiência. É como gozo que o real se faz presente na clínica. O gozo verdadeiro, a satisfação pulsional, a *Befriedigung*, não se encontra nem no imaginário nem no simbólico, ela é da ordem do real. Entretanto, continua a dizer Lacan, a psicanálise é uma experiência que destaca a função fecunda do desejo.

Destaco duas questões cruciais nas perguntas: como relacionar gozo com desejo, se é que existe ainda interesse pelo desejo; e a segunda é sobre a transferência.

Começo pela transferência. Acho interessante entrar em detalhes sobre a transferência hoje, e fazê-lo precisamente desde o matema da transferência, que pertence ao segundo momento do ensino de Lacan, etapa na qual seu sustento clínico fundamental está no fantasma.

Para Lacan, fica claro que é o saber de Sócrates o que as pessoas amam. O saber que de Sócrates é uma joia agalmática, é propriamente o objeto agalma. Dessa maneira, Lacan outorga ao saber a categoria de objeto. É o objeto saber a causa do desejo do analisante. Realiza-se, no discurso analítico, no eixo diagonal que vai do sujeito ao saber verdadeiro, o S_2 no lugar da verdade. O S_1 , que no matema da transferência

se chama significante da transferência, transporta em si a escritura do gozo Um, gozo do campo Uniano, gozo opaco sem significante, porém que se presta à leitura. Alinhar-se ao gozo masoquista do sintoma desde o primeiro momento implica ouvir o conselho, raro, que nos dá Lacan no Seminário 19. A frase é: “[...] o primeiro passo da experiência analítica é introduzir nela o Um, como o analista que se é.” (p. 123). Isto significa que, no próprio matema da transferência, o S_1 inaugural da primeira entrevista – o significante da transferência – já traz consigo as marcas do gozo Um. E Lacan repete que em todo S_1 há algo do Um Uniano.

Ao fundar o campo Uniano, Lacan cria uma nova presença do significante e do corpo. O significante Uniano é um puro existir como gozo sem significante, ainda que produto de uma operação simbólica que permite existir sem ser.

Por meio do significante da transferência o sujeito se representa ante o saber do Outro. O futuro analisante crê que o Outro sabe. Há no início uma crença de estrutura, de veia. Diz Lacan que há uma resposta, que há quem pode saber a resposta. Este elemento estrutural é o Sujeito Suposto Saber.

Temos então um sujeito, a rigor deveríamos escrever falasser, representado pelo significante da transferência e um analista. Para fazer entrar o Um no jogo, o analista tem que se alinhar, ou seja, fazer uma leitura dos indícios do gozo masoquista nas ressonâncias, iterativamente presentes, ou seja, que se repetem nos diversos significantes 1 orientadores do discurso. Cabe mais falasser que sujeito não porque não há sujeito, mas porque o falasser indica que, além do sujeito, há um elemento substancial, o corpo e o gozo.

Ao saber ser capaz de alinhar-se às ressonâncias do gozo, o saber do analista vira um objeto de amor e coloca em movimento uma articulação inédita: o amor ao saber como objeto agalmático contido em um ser, o analista. É pela via do amor que se inicia a transferência, que atua permitindo o gozo mutar em mais amor e desejo. A mutação é uma noção nova que merece estudo especial. Esse amor ao saber participa da transferência de trabalho que inclui o estudo, a pesquisa e o trabalho da transferência desliza na diagonal do sujeito ao saber verdadeiro. Isto une transferencialmente associados do IPB à tarefa da Escola de pesquisar o que é um analista.

ECOS DA ENTREVISTA

A EXPOSIÇÃO DA ESCRITA NÃO É SEM CORAGEM E AMOR

Camila Abreu Costa

Membro NPJ da EBP

Um ponto importante: “também impulsei atividades nas quais os associados do Instituto foram os atores e responsáveis de suas atividades, assim como ter espaços entre eles para debater e estudar, sendo o cartel o lugar privilegiado” (Horne, 2023).



Destaco esse ponto porque acho fundamental pensarmos em como nós, associadas (os), podemos contribuir tanto com o Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB-BA), quanto em nossa formação como analistas. Penso que as duas coisas andam de mãos dadas. O IPB-BA me provoca e traz à tona um significante muito primoroso que se chama “coragem”. A coragem para me expor em uma transmissão, seja ela escrita ou falada. A coragem em me expor enquanto analista, visando o nosso objeto principal: o amor ao saber. Não sem angústia, diria que adentrar neste espaço é algo que, desde 2015, venho desempenhando. O cartel, como um lugar privilegiado, não é à toa. É um espaço de construção genuíno e feito com entusiasmo e amor. Colaborar com a *Lapsus* e outros espaços do IPB-BA não é uma questão de privilégio, mas de amor. E quando falo de amor, estou a pensar a ideia que, a partir do que não sei, torna-se possível uma construção. Bem como o desejo pela causa analítica e a transferência de trabalho que vem sendo construída. O IPB-BA,

pensado por Bernardino e Miller, é de muito valor para mim. E o meu desejo permanece vivo nos espaços de construções possíveis. Um viva à nossa revista e ao nosso compromisso com o que chamo de “amor”.

DO AMOR E DO SABER: AMAR O SABER

Jaine Porto
Associada IPB

Na entrevista com Bernardino Horne para a Lapsus, edição de 2023, é traçada uma linha, ou melhor, analogicamente desenrolado um novelo, em torno das proposições da organização da revista enquanto projeto embrionário - sendo importante aqui citar que foi lançada como alternativa para dar conta da dificuldade/inibição dos associados em escrever - na entrevista, é colocado ainda, em jogo, as premissas e os direcionamentos que seguem até a presente edição. A entrevista segue em resposta à questão que perpassa o lugar da transferência entre Instituto e Escola colocado enquanto agalma do desejo do analista, dispondo algo da escrita e produção, enquanto condição para a formação do analista, até chegar ao tema da Jornada do IPB e da EBP - “Desejo, mostra a tua cara”, pensando o desejo a partir do último ensino de Lacan.



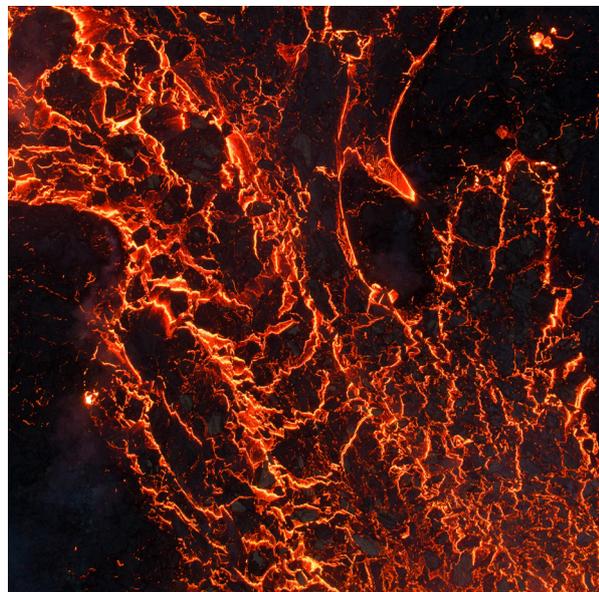
No desenrolar da entrevista, Varon segue articulando a respeito do saber do analista enquanto objeto de amor colocado em movimento, sendo o amor ao saber posto como objeto agalmático contido em um ser, o ser do analista. O amor, na psicanálise, é transferência, sendo essa a condição pela qual a pulsão é atenuada pela via do desejo, mutando, desse lugar, o gozo. É “esse” amor ao saber que atua na transferência de trabalho e estudo, colocando algo da aposta na escrita como ‘permuta’.

Se como Bernardino bem coloca ao dizer: “*Lapsus* foi fundada para que os associados aprendam a escrever, dirigir publicações, organizar debates, no contexto do discurso analítico”, parece-me aqui um bom lugar para se colocar a trilhar (leia-se escrever) enquanto desejo de analista, de amar e saber... ou seria melhor, amar o saber?

FAZER-SE PRESENTE ATRAVÉS DA ESCRITA

Júlia Jones
Associada IPB

Há pouco tempo, tive um encontro com a expressão “trocar uma ideia”, que para o dicionário informal significa: “1. o mesmo que bater um papo com alguém, conversar; 2. refere-se à troca de ideias realizada por meio da interação entre pessoas”. Foi após uma conversa com um amigo que entendi, no corpo, o significado dessa gíria. Ao trocar uma ideia, minha cabeça abriu. De repente, fui tomada por novas formas de pensar e de estar no mundo. Ali, naquele encontro, algo aconteceu de tão extraordinário que deslizou para outras experiências, como pude perceber



com a leitura. A cada capítulo do Seminário 16 - *De um Outro ao outro*, ou do *Silet* (que tenho estudado neste ano), sentia a companhia de Lacan, sentia a companhia de Miller. Eles se faziam presentes para mim como um amigo que compartilha os seus pensamentos. Sinto a presença deles ali comigo. É esse o ponto que me faz conseguir a dedicação à escrita neste momento. Após ler Bernardino, quando diz que a *Lapsus* é a revista dos associados, uma revista para a produção escrita individual, “é uma revista fundamentalmente para que os associados escrevam textos sobre o que estão estudando e pensando”. E é sobre isso que tenho pensado: o ato da escrita como uma forma de se tornar presente através do que se quer dizer do que se tem pensado. Ou seja, sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, seria a escrita uma forma de acessar esta alteridade que há no íntimo de cada um? Vou procurar saber. Por ora, sei que é sempre bom trocar uma ideia com Bernardino!

A ESCRITA, O QUE EM CADA UM FAZ ELO, ENTRE ESCOLA E INSTITUTO

Graziela Pires
Associada ao IPB

No mergulho profundo do discurso analítico, Bernardino Horne, figura destacada do Instituto de Psicanálise da Bahia e criador da revista *Lapsus*, revela uma perspicácia ímpar. A *Lapsus*, surgida como resposta à carência de uma plataforma que impulsionasse os associados a transpor a barreira da escrita, desvela-se como um caldeirão onde a reflexão e o debate encontram solo fértil. Varon evidencia que a escrita transcende o mero ato de comunicar; ela é a pedra angular da formação do analista, um instrumento para ter acesso à gramática do inconsciente e a possibilidade de transmissão. O Instituto de Psicanálise da Bahia, entrelaçado com a Escola Brasileira de Psicanálise, configura-se como um ambiente propício ao cultivo do saber, onde o objeto agalma, tal qual a joia venerada por Sócrates, desperta o desejo do saber. Nessas palavras, Bernardino nos conduz ao cerne da transferência como motor.



lapses
Publicação dos
Associados do IPB



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



Av. Anita Garibaldi, 1211. 2º andar. Ed. Central Pinheiro. Salvador. Bahia

Tel.: (71) 3235-9020

www.institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus